

Uma Falsa Crença: “Se eu orar bastante e trabalhar para isso, um dia meu problema será solucionado”

Gary Kinnaman

Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?

Romanos 7.24

Ouvido num grupo de ajuda numa igreja muito, muito distante

“Então, Lúcia, como foi a sua reunião de família?”

“Bem... foi difícil, mas fiquei feliz de ter ido. Minha tia Melissa veio com o novo marido e trouxe o bolo de queijo que ela sempre faz. Foi realmente difícil para meu tio Plínio quando eles se divorciaram, e ela fugiu com o Ricardo. Decidi ficar com minha boca fechada durante a reunião.”

“Você não a repreendeu?”

“Claro que sim. E não comi seu bolo.”

Tenho um problema. Na realidade, tenho muitos problemas, mas gostaria de contar um em particular: tenho o pavio curto. Isso acontece desde que posso me lembrar. Minha mãe pode lhe falar sobre isso. Minha esposa. Meus filhos. As pessoas que trabalham comigo.

Quero dizer, algumas vezes perco a paciência, especialmente quando estou cansado e muito estressado. Já disse coisas de que me arrependi amargamente, e já fiquei constrangido em público diversas vezes.

Fico irritado com tudo que faz as pessoas ficarem irritadas: os motoristas na via expressa. Meu cortador de grama quebrando quando faltava pouco para terminar. Cães que fazem buracos no quintal. Diferenças entre minha esposa e eu. E, claro, as pessoas da igreja. Fico bravo quando as coisas não são como eu quero.

Mas nunca feri ninguém, nunca fui preso por briga. Minha raiva nunca é demasiada, mas nunca é controlada como deveria.

Tenho orado sobre isso. Jejuado para me livrar disso. Recebido conselho e oração por isso. Lido livros sobre isso. Pregado sobre isso. E agora estou escrevendo sobre isso, mas não para lhe dizer como resolver seu problema com a raiva em cinco passos simples.

Estou falando nisso para ajudá-lo a entender e aceitar o fato de que seja você como for, nunca conseguirá mudar. Isso o irrita? Essa afirmação o deixa desapontado? Por favor escute isso. De alguma forma, deve ser a coisa mais importante e libertadora que tenho dito em todo esse livro, mas vai levar muito tempo para eu explicar e vai fazer você pensar muito.

Posso dizer novamente? Seja você como for, nunca conseguirá mudar. Sei que isso parece negar tudo o que pastores já disseram de púlpito, de que se você amar a Jesus, orar, ouvir as pregações, se outros orarem por você, você irá mudar. Essa é uma das razões pelas quais Deus nos deu a Bíblia, certo?

Concordo! Como pastor, prego sobre mudanças. A princípio, escrevi esse livro porque pessoas iriam lê-lo, mudariam a forma de ver as coisas, e no final mudariam seu comportamento. Paulo escreveu claramente sobre isso em uma de suas passagens mais conhecidas, “E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela

renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12.2).

ALGUM VELHO POTE O FARÁ

Santificação é a palavra bíblica e teológica para o processo de transformação que ocorre após nos tomarmos cristãos. A palavra grega traduzida para santificar significa literalmente, “tornar-se santo.” Mas o que isso significa? O que quer dizer “santo”? É realmente muito simples. O conceito da Bíblia para “santidade” significa simplesmente “separado”. Então, por um lado, tornar-se santo não significa que tudo em você vai mudar.

Os potes e jarras utilizados para servir no antigo templo judeu eram vasos normais, simples. Mas quando eram colocados no templo, tornavam-se “santos”. Eram os mesmo potes, mas num novo lugar com um novo propósito. Pareciam os mesmos velhos vasos, mas tinham sido dedicados a Deus.

Não é o pote que importa. Mas sim o que está dentro do pote! Lembra-se da história do primeiro milagre de Jesus, transformando água em vinho na festa de casamento em Caná? Aquelas velhas jarras de pedra estavam cheias de água — até terem contato com Jesus! Então, de repente, estavam cheias do melhor vinho (ver Jo 2.1-11). Qualquer pote velho faria isso se fosse separado, “santificado” a serviço do Mestre.

VOCÊ JÁ FOI SEPARADO?

Quando me tornei cristão, Deus não mudou minha personalidade. Nem mesmo tentou, porque minha personalidade está como ele me fez. Porém, o que aconteceu foi que Deus tomou meu pote de imperfeições e colocou sob o senhorio de Cristo. Ele me santificou.

Veja meu gênio, por exemplo. Uma boa e positiva forma de vê-lo é analisá-lo como expressão de uma personalidade profundamente passional. Na hora e local exatos, sob o senhorio de Cristo, Deus o usa. Quando prego, às vezes pareço bravo. Posso ficar irritável e emocionado. “Puxa, Deus estava falando comigo naquele sermão!” as pessoas me dizem. Talvez seja esta a razão por que uma das passagens da Bíblia que mais gosto seja “Irai-vos, mas não pequeis” (Ef 4.26).

Por isso Deus não está preocupado em fazer com que minha raiva desapareça. Se estivesse, minha natureza pessoal também teria mudado. Alguns provavelmente diriam que eu poderia fazer uma lobotomia. Realmente me acalmaria, e enfim minha luta com meu gênio terminaria. Mas assim eu seria um péssimo pastor.

Minha personalidade, meus dons, eu — quando estou debaixo da liderança de Deus, santificado e separado para ele, isso é uma coisa maravilhosa! Mas quando minha personalidade, meus dons, eu — quando me torno senhor de mim mesmo, faço com que minha vida e a de todos ao meu redor fique terrível.

Quando você se torna cristão, continua sendo você! Por isso vou repetir minha idéia principal deste capítulo: que seja como for, você nunca conseguirá mudar. Você está prestando atenção?

Contra o que está lutando? O que sempre está totalmente fora de seu controle? O que faz parte da sua natureza que você simplesmente não aceita? Do que você simplesmente não consegue se livrar?

- Insônia?
- Depressão?

- Letargia?
- Casa desorganizada? Escritório?
- Seu peso?
- Ansiedade?
- Fala demais? Fala de menos?
- Muita TV?
- “Preso” na dor de uma perda pessoal?
- Desejo sexual? Ou “somente” pensamentos de luxúria?

Jesus disse que se um homem simplesmente olhar para uma mulher de forma incorreta, já cometeu adultério no seu coração e é culpado por desobedecer o sétimo mandamento. Se houver algum homem por aí que já tenha conseguido administrar este problema, por favor levante-se (Na realidade, uma vez aconselhei um homem que disse que nunca tinha sido tentado em seus pensamentos em relação a uma mulher, mas estava definitivamente atraído por um homem bonito!).

Se o pecado de participação não for o seu problema, que tal o pecado de omissão? Você não está confiante em pregar com frequência suficiente, por tempo suficiente, com atenção suficiente? O que tem tentado superar nos últimos cinco, dez ou quarenta anos de sua vida? E como você trabalha com suas fraquezas — e com a vergonha relacionada a elas?

DEIXANDO A TERRA DAS SOMBRAS

Eu vim a Jesus “assim como sou”, mas não posso permanecer do mesmo modo. Cada versículo da Bíblia, cada sermão, cada música me faz lembrar que devo ser diferente. Ao invés de me aprofundar no lado negativo do meu ser, sempre sou lembrado a viver no lado melhor da minha vida.

Fico feliz porque Paulo lutou contra o mesmo problema:

“Então, ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim. Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo nos meus membros outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros. Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” (Rm 7.21-24)

A comunidade cristã (atrevo-me a dizer isso?) é obcecada pela tarefa de mudar as pessoas. Não é surpresa, por causa de tudo que a Bíblia diz sobre tornar-se nova criatura em Cristo. Mas lamentavelmente a comunidade cristã nem sempre está preparada e algumas vezes não deseja aceitar as pessoas se elas não mudarem ou não quiserem mudar.

A igreja é uma organização que insiste na mudança radical, frequentemente como condição de aceitação, e à custa da graça que pacientemente permite que a mudança ocorra. O médico e conselheiro cristão Dwight Carlson chama isto de mito da saúde emocional crista, que “presume que se você se arrependeu dos seus pecados, orou de forma correta, gastou tempo suficiente lendo a palavra de Deus, terá uma mente perfeita.”

Voltemos aos princípios do Capítulo 4. Deus não ajuda aqueles que se ajudam; ele ajuda os necessitados. “Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumeja” (Is 42.3). O seu relacionamento com Deus deve considerar em primeiro lugar a graça e se basear na graça. Tudo na igreja deve considerar em primeiro lugar a graça e ser baseado na graça.

Por outro lado, a igreja nunca deve desistir de ensinar que os seguidores de Jesus devem ser cada vez mais iguais a ele. A igreja deve ser incansável na sua busca da santidade. Esta é a mensagem central do discipulado. Mas sou apaixonado pela sua busca implacável do perdão e incansável na aceitação daqueles que lutam para mudar.

EU NÃO ESTOU BEM, VOCÊ NÃO ESTÁ BEM

Nunca participei do programa dos doze passos antes. Porém, temos um muito bom na nossa igreja. Nós o chamamos de Novo Vinho, e temos ajudado muitas outras igrejas a iniciar programas deste tipo. Novo Vinho é a igreja para os que são privados dos direitos humanos.

Durante a semana, há entre quatrocentas a quinhentas pessoas “em recuperação” nos grupos de ajuda para necessidades específicas. Oferecemos oportunidades únicas de cura, desde restauração de casamentos até como lidar com a raiva. Nossa igreja também tem um grupo de ajuda a pais de filhos acidentados. Baseado no princípio dos programas populares dos doze passos, no Novo Vinho há um ambiente de amor incondicional, aceitação e perdão. E as pessoas que participam me ensinam muito sobre nós mesmos e os princípios do crescimento cristão.

Você já conheceu alguém que participa dos Alcoólicos Anônimos que admite que “Sou alcoólatra, mas não tenho bebido por seis anos, quatro meses e oito dias”? Isso o incomoda? Você acredita que não haja alcoólatras no reino de Deus?

Então você pode ser parte do problema. Veja bem, as pessoas do programa dos doze passos não são diferentes das demais, exceto porém que já enfrentaram dificuldades pessoais mais sérias. Mas este é o segredo. Sobre a prostituta que lavou os pés de Jesus com suas lágrimas e secou com seus cabelos, Jesus disse: “Por isso, te digo: perdoados lhe são os seus muitos pecados, porque ela muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama” (Lc 7.47).

Pessoas com sérios problemas chegaram ao fundo do poço. Eugene Peterson define isto em sua tradução livre de Romanos 7.24: “Tentei de tudo e nada funcionou. Não tenho mais esperanças. Não há alguém que possa fazer algo por mim?”.

Pessoas propensas a isso tem enfrentado face a face sua própria impotência. Descobrem que a mudança que sempre os iludiu na realidade se iniciou quando se conscientizaram de sua incapacidade miserável. Então continuam sempre confessando que sua fraqueza é real e constante. Que são impotentes para mudar-se a si mesmos. Que precisam de um “Poder Maior”. Não é esta a mensagem essencial da Bíblia? Impotente: “Pois, todos pecaram e carecem da glória de Deus (Rm 3.23).” Poder maior: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo” (At 16.3 1).

DEIXANDO JESUS NO CONTROLE

Então a boa notícia é que realmente as pessoas podem mudar e mudam! (Sente-se melhor agora?) Mas a ironia é que uma profunda mudança somente ocorre quando Deus se coloca diante de nossa fraqueza. Acredito que foi isto que Paulo quis dizer quando confessou, “Por causa disto, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Então, ele me disse: A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo. Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, é que sou forte” (2 Co 12.8-10).

Veja como Eugene Peterson diz isso em versão livre: “Três vezes [pedi ao Senhor que o afastasse de mim], e então me disse, “Minha graça te basta; é tudo que você precisa. Minha força vem a você na sua fraqueza.”

“Quando ouvi isso eu fiquei feliz em deixar isso acontecer. Parei de me concentrar na minha fraqueza e comecei a valorizar a dádiva.. Sei que era a força de Cristo se movendo em minha fraqueza. Agora tenho limitações no meu caminhar, e com muita alegria, estas limitações que me reduzem às minhas devidas proporções — abuso, acidentes, oposição, mudanças ruins. Simplesmente deixo Cristo tomar conta! Portanto, quanto mais fraco me sinto, mais forte me faço.”

EMOÇÕES INVÁLIDAS

No versículo acima, chamou minha atenção a palavra “invalidez”.¹ Tudo bem usar esta palavra quando se fala de jogo de golfe ruim, mas as pessoas que têm limitações físicas não a usam. Veja o caso de meu querido amigo David, que é paraplégico e me ensinou sobre isto.

Deficiente e fisicamente incapaz são termos menos humilhantes. Descobrimos que os fisicamente incapazes também são pessoas. Com vergonha, confesso que me sentia estúpido com relação aos acessos das ruas. Ficava ressentido com todos os impostos que pagava para rebaixar as guias das ruas da minha cidade. Para quê?, perguntava a mim mesmo. Não tenho visto nenhuma cadeira de rodas por aqui faz muitos anos. Costumava pensar assim, mas somente até quando comecei a passar um tempo ajudando o David.

Conheci pessoas que usavam cadeira de rodas. Eu era atencioso com elas. Mas todos os meus amigos eram pessoas fisicamente capazes. E agora não. Ainda estou na escuridão, mas vejo uma luz no fim do túnel.

Tenho vivenciado a situação de David diariamente. Observando seu esforço extraordinário — esperando e esperando que ele entre e saía de seu carro especial. Empurrando sua cadeira de rodas no meio da multidão no jogo de basquete. Na fila da lanchonete. Entrando e saindo de restaurantes. Sentando-se no “lugar especial” no final da fila do estádio no jogo da NFL. Ouvindo com atenção as preocupações de David quando projetamos o novo templo.

As barreiras e preconceitos sem fundamento estão em todo lugar. E há constante dor e pesar: pessoas que passam a vida em cadeiras de rodas sofrem de muitas formas desconhecidas vivendo entre pessoas sadias. Mas as coisas estão mudando. Devagar. E todos sabemos que homens e mulheres que são fisicamente incapacitados não podem simplesmente querer que sejam curadas. Reconhecemos que têm de aprender a aceitar sua incapacidade e fazer o melhor a despeito dela.

Entendemos um pouco. Pelo menos tentamos. Pelo menos não pedimos às pessoas em cadeiras de rodas que joguem futebol. Mas e as pessoas com problemas emocionais? São ‘incapacitadas’? São incapazes emocionalmente? Ou deveriam e poderiam se libertar da raiva, da tristeza ou do vício?

Poderiam se tentassem!

Ou não?

¹ No inglês, *handicap*, que traduzimos por “fraqueza”, seguindo a ARA.

AMANDO O EMOCIONALMENTE PROBLEMÁTICO

Tenho uma idéia sobre um próximo livro: *The D-Myth: Christians are Never Supposed to be Depressed or Discouraged, and if they Are, They Should Never Tell Anyone* (O Mito-D: cristãos nunca devem ficar deprimidos ou desencorajados, e se ficarem, não deveriam contar a ninguém).

Eu poderia falar com conhecimento de causa sobre isto. Veja, tenho problema tanto com depressão quanto com irritação — não é surpresa porque as duas emoções estão bem relacionadas. Tenho um histórico familiar obscuro. Meu querido tio abandonou o ministério de tempo integral quando tinha trinta anos por causa de uma depressão crônica. Ele está incapacitado há mais de trinta anos.

Neste momento não estou deprimido. Mas ela pode me atingir tão rapidamente quanto uma tempestade de verão. E não consigo fazer nada contra isto. Não consigo fazê-la ir embora. Algumas vezes sinto que não consigo controlar o que sinto. Não tenho culpa.

O que estou dizendo o surpreende? Confesso que este tipo de confissão é perigosa. Frequentemente alguém — normalmente alguém novo na nossa igreja — me aconselha no saguão da igreja após o culto, “Pastor, estou orando para que você consiga se curar deste espírito de depressão.” Somente sorrio e digo-lhe como sou grato porque está preocupado o suficiente para orar por mim.

Mas a realidade é que eu tenho orado sobre isso. Jejuado. Recebido aconselhamento e orado. Lido livros sobre o assunto. Pregado sobre isso. E agora estou escrevendo sobre isso porque sei que não estou sozinho nesta batalha — esse problema é comum na igreja de hoje (embora quase nunca se fale sobre isto).

“O preconceito contra pessoas com problemas emocionais,” escreveu Dwight Carlson, “pode ser visto nas igrejas em qualquer domingo. Oramos publicamente pelo irmão com câncer, problema cardíaco ou pneumonia. Mas dificilmente oramos publicamente por Mary com depressão aguda, ou Charles com síndrome de pânico, ou pelo filho do pastor com esquizofrenia. Nosso silêncio sugere que essas não são doenças que cristãos devem ter.”²

SEM SE DESCULPAR

Meu amigo David na cadeira de rodas nunca reclama. Não é amargo, ou se for, não me deixa perceber. Formado pela Universidade do Arizona, ele é sócio de uma grande empresa de microchip aqui de Phoenix. Surpreso? Você imaginou outra coisa, porque eu disse anteriormente que ele usava cadeira de rodas?

David é uma inspiração extraordinária para mim porque não fica na defensiva. Nunca deixa que sua incapacidade lhe tire o que tem de melhor. Sabendo que nada será diferente, ele faz tudo que pode para viver com e acima disso. E é assim que sinto sobre minhas incapacidades emocionais. Não posso me livrar delas, mas também não vou deixar que tirem o melhor de mim. Como conseguir isso?

A MELHOR POLÍTICA É A HONESTIDADE

Gosto do que dizem os doze passos: você não pode fazer com que seu problema desapareça, mas pode lidar com ele. Pode evitar que tire o melhor de você, e pode começar sendo terrivelmente honesto: “Tenho um problema com _____”.

Isto se parece com uma “confissão negativa” para você? Surpresa! Isso é bíblico. Não somente é necessário que confessemos nossos pecados a Deus, mas, “se dissermos

que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos [‘continuamente confessarmos’, do original grego] nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (iJo 1.8, 9).

O PODER CURADOR DA CONFISSÃO

Algumas vezes ocorre que a cura aguarda que confessemos nossos pecados a amigos de confiança: “Confessai, pois os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo” (Tg 5.16).

Muitos de vocês irão torcer o nariz para isso, porque a confissão tem sido parte integrante do culto católico. É um dos sacramentos católicos, assim como o batismo e a comunhão. Na confissão os católicos declaram claramente a necessidade de confessar abertamente todos os pecados para outra pessoa, que a ouve e faz menção da graça e do perdão de Deus.

O GRANDE CONFLITO

Causa alguma surpresa que entre os novos crentes haja tantos problemas sem resolver? Nossas igrejas não são comunidades acostumadas com a confissão pública e a graça curadora. Cada vez mais temos que nos esconder uns dos outros porque temos o padrão da santidade e da boa performance em nossas mentes. Mas imagine a transformação que ocorreria se a igreja se tornasse um lugar onde pudéssemos encontrar Jesus “tal como somos” e um lugar onde as pessoas nos dessem coragem para crescer e graça para errar.

Percebo que minha pregação é mais eficaz quando deixo que as pessoas sintam como Jesus cura e perdoa minhas próprias fraquezas. Para mim, uma forma de mostrar Jesus às pessoas, como Paulo, é deixá-las ver Jesus quebrando as minhas fraquezas: “Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós” (2Co 4.7).

Jesus é meu Senhor e Salvador, mas Paulo é meu herói. Quero ser como Jesus, embora me sinta mais como Paulo. Ele era, sem dúvida, o que chamamos de personalidade do Tipo A: muito enérgico, compulsivo, impaciente, de opinião, franco. Algumas vezes combatente. Sim, sou tudo isso. Frequentemente também Paulo era mal compreendido. Eu também, embora não possa dizer que tenha provocado algum alvoroço na cidade. Falar alto nas reuniões de liderança conta?

Então quando Paulo fala, eu ouço. Jesus é meu padrão de retidão, e eu o sigo, mas Paulo é meu padrão de como um homem com reações explosivas pode seguir a Jesus. “Sede meus imitadores,” Paulo escreveu, “como também eu sou de Cristo.” (iCo 11.1).

Vejamos então o que Paulo diz sobre seu esforço em se tornar imitador de Cristo em Romanos 7 (Me acompanhe agora. Eu tenho facilitado as coisas para você, mas a partir de agora você tem de pensar por si mesmo. Você deve abrir sua Bíblia e ler Romanos 7 algumas vezes).

“Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir,” Paulo lamenta, “pois não faço o que prefiro e sim o que detesto. Ora, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa. Neste caso, quem faz isto já não sou eu, mas o pecado que habita em mim. Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetua-lo” (Rm 7.15-18).

Este é a parte mais difícil de ser cristão. Agora que você sabe o que é certo e errado — e deseja servir a Deus de todo o seu coração — você descobre que nem sempre acontece assim. Chamo a isto de Grande Conflito. Trata-se somente de uma condição única do cristão, porque somos dolorosamente conscientes do abismo que há entre quem somos e quem Deus diz que deveríamos ser.

Isso não significa que os não crentes não tenham consciência, mas que certamente se preocupam menos sobre o que Deus pensa sobre as pequenas coisas da vida. Invejavelmente, os não- cristãos parecem viver na feliz ignorância de que estão muito aquém das expectativas de Deus.

Muitos deles dirão algo do tipo: “Sou uma pessoa muito boa. Sim, tenho minhas fraquezas, mas não sou pior que muitos cristãos que dizem ser tão justos.” A Bíblia chama a isso de “consciência cauterizada” (ver 1Tm 4.2). Então, nem todos os não-cristãos são pessoas particularmente “más”. Somente não perdem o sono por causa dos seus “pequenos” pecados.

Nós cristãos somos diferentes. Como Paulo, queremos desesperadamente viver para Deus, mas sabemos que algo dentro de nós nos mantém afastados. Após um período longo tentando entender o que acontece, temos um sentimento crescente de condenação: “Então, ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim. Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros. Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” (Rm 7.21-24)

Não parece o apelo desesperado de todos? É o meu, e quando vejo isso em Romanos 7, digo para mim mesmo, Sim! Sim! Paulo vai me dizer! A explicação será dada! O segredo será revelado! Enfim quebrarei as amarras e voarei! Diga-me, Paulo, diga-me!

A resposta está no verso 25: “Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor.” Tudo bem. O que mais, então? Graças a Deus pelo quê? Será que Paulo quer dizer que Jesus fará um milagre e me mudará para sempre? O que você está dizendo, Paulo? Veja o versículo novamente: “Mas graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor.” Será que Paulo está realmente dizendo alguma coisa aqui?

Paulo está agradecendo a Deus por Jesus Cristo, mas não diz especificamente, “Graças a Deus porque Jesus me liberta” ou, “Graças a Deus que nos liberta por meio Jesus Cristo.” Na minha opinião, essa seria uma conclusão cristã perfeita para a sua afirmação. Mas Paulo termina o capítulo 7 voltando ao problema e deixando-nos desamparados: “De maneira que eu, de mim mesmo, com a mente sou escravo da lei de Deus, mas, segundo a carne, da lei do pecado.”

A segunda parte do versículo é como se deixasse sair o ar de uma bexiga. Leia novamente. Pode ouvir o barulho do ar?

Inspire. “Mas graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor!” Expire: “De maneira que eu, de mim mesmo, com a mente sou escravo da lei de Deus, mas, segundo a carne, da lei do pecado.”

Então é isso?

É somente isso?

Não há outro caminho? Nenhuma esperança? O final de Romanos 7 parece ser tão vago, tão sem solução, que *The Message* (A Mensagem) de Eugene Peterson coloca palavras na boca de Paulo: “A resposta, graças a Deus, é que Jesus Cristo pode e faz.” Mas na realidade, não é isto que Paulo diz. É o que gostaria que Paulo dissesse, mas não o diz.

J.B. Phillips, no *“The New Testament in Modern English”* (O Novo Testamento No Inglês Atual) faz o mesmo: “Agradeço a Deus que nos dá libertação por Jesus Cristo nosso Senhor.” Não acreditei. J.B. Phillips termina Romanos 7 exatamente aqui. Deixa de lado toda a segunda metade do versículo. Como pôde fazer isto?

Vou dizer como. E por que. Os cristãos não podem simplesmente aceitar o fato de que a intensa guerra interior não terminará nesta vida. É por isso que Paulo afirma, “De maneira que eu, de mim mesmo, com a mente, sou escravo da lei de Deus, mas, segundo a carne, da lei do pecado.”

Essa é a realidade, amigos, que poucos estão preparados para aceitar. Alguém do programa cristão de doze passos pode dizer algo assim: “No meu coração sou filho de Deus, mas em minha natureza pecaminosa sempre fui e sempre serei um alcoólatra.”

Mas isto é tudo? Estamos condenados a viver na miséria do pecado para sempre? Claro que não! Preste atenção: Minha esperança não é que algum dia eu não tenha que me preocupar com meu gênio, que algum dia, quando for espiritual o suficiente, eu “chegarei lá” e pelo resto da vida nunca mais terei grandes problemas com gênio ou depressão ou seja mais o que for.

Ao contrário, minha esperança é em Jesus, que continua sendo meu justificador mesmo quando não sou justo. Nessa vida sempre terei a sensação de nunca ser o que Deus espera de mim, mas o que Paulo diz a seguir sobre o Grande Conflito, bate como um sino da catedral numa declaração muda de segurança e esperança: “Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8.1).

SALVO POR FÉ, VIVENDO PELA FÉ

Vamos colocar tudo junto: “Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?... De maneira que eu, de mim mesmo, com a mente, sou escravo da lei de Deus, mas segundo a carne, da lei do pecado. Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 7.24-8.1).

Quando não há nenhuma condenação? Agora! Exatamente agora, quando se sente exatamente como Paulo, miseravelmente longe de atingir o objetivo. Mas eis a ironia de tudo: Quando você deixa tudo aos pés da graça incondicional de Deus, exatamente com todos os doze passos, é quando começa a mudar! É quando o pecado perde o poder em sua vida.

Isto é o que os cristãos chamam de viver pela fé. Sim, sou salvo pela fé na obra consumada por Jesus. Muitos cristãos têm dado esse passo. Mas tenho sempre que me lembrar de que vivo pela fé também na obra consumada por Jesus. Paulo, citando o profeta Habacuque no Antigo Testamento, disse: “O justo viverá pela fé” (Gl 3.11).

“É o caso de Abraão,” Paulo nos conta em outra revelação extraordinária da graça, “que creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça” (v.6). Deixe-me ajudá-lo. Paulo está dizendo, na realidade, que quando colocamos nossa fé em Cristo, sua justiça perfeita é creditada a nós, como um empréstimo. Quando compramos uma casa, você usa o dinheiro de alguém rico. Quando ele investe seu dinheiro, cria um caixa, cujas amortizações das empresas ajudam as pessoas que tem bom crédito. E simples assim.

Quando nos tornamos cristãos, quando nascemos de novo, toda a justiça de Deus é colocada na nossa conta. Você empresta de Jesus para o resto de sua vida. Pela fé, “o crédito” da justiça de Jesus continua operando em lugar do nosso déficit diário de justiça. Ao contrário do banco, então, Jesus nos dá a boa justiça, mesmo que tenhamos péssimos créditos negativos. E mais, a graça de Deus é tão maravilhosa, que não pede nenhum pagamento. A justiça de Cristo é de graça — do começo ao fim.

É por isso que Paulo pode escrever em Romanos 8.1:

“Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus.”

Então, o que você acha? Com Deus ao nosso lado, como podemos perder? Se Deus não hesitou em colocar tudo de forma correta para nós, abraçando nossa condição e expondo-se ao pior ao mandar seu único Filho, haveria algo que ele não faria de graça e por amor por nós? (Rm 8.31-39)

Estou determinado a viver pela fé em Deus que é imensurável, sem medida, incompreensível e incondicional e não colocarei minha vida na esperança de que algum dia não terei mais problemas. Isto acontecerá no céu, e até que eu esteja lá, não porei minha confiança em minha bondade titubeante e indecisa. “Logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim” (Gl 2.20).

Isto me enche tanto de esperança que minha depressão, eu diria, se foi. Não me sinto nem mesmo um pouco irritado. E nem precisei fazer lobotomia.

DEUS SANTO MISERICORDIOSO:

Tu me conheces por dentro e por fora. Sabes da minha luta interior, e tu me aceitas completamente, sabendo que nunca serei perfeito neste mundo. Não há nenhuma condenação contra mim em teu coração. Tu me aceitas, portanto eu também me aceitarei. Amém.

Fonte: *Credence de Crentes*, Gary Kinnaman, Cultura Cristã, p. 113-133.